

O RECEIO DOS “TRABALHOS PERDIDOS”: Corpo e cidade*

Denise Bernuzzi de Sant’Anna**

Veedee: um aparelho pequeno, manual, capaz de desobstruir o organismo, livrando-o de todas as suas possíveis impurezas. Várias vezes a publicidade das primeiras décadas do século XX sublinhou suas vantagens. O Veedee, que por meio de mensagens vibratórias do ventre, rosto e ombros prometia reabilitar a saúde e a beleza de seus usuários, era considerado também um exemplo de civilidade. Evidentemente, ele era apenas mais uma invenção entre as dezenas que proliferaram naquela época, prometendo mais saúde e higiene. E, como todas as outras, ele encarnava o ideal de modernidade perseguido pelas elites do país, integrando-se à vontade de acelerar o passo rumo ao processo civilizatório. Para tanto, acreditava-se que fosse preciso combater a terrível imagem de que o Brasil era o paraíso das epidemias, dominar definitivamente o corpo por meio dos resultados do triunfo da técnica e da ciência, firmar os limites que separam a intimidade de cada indivíduo do espaço público: a sugestão a tais objetivos já seria mais do que suficiente para chamar a atenção das elites sobre aquele aparelho “mecânico e tão singelo”, como afirmou a revista carioca *Fon-Fon*, arrojado exemplo de mundanismo à época.

Em nossos dias, o Veedee pode parecer hilário. O que não significa, necessariamente, que todas as promessas nele contidas façam parte do passado. Pois Veedee tornou-se bizarro enquanto objeto técnico destinado a restabelecer o corpo, mas a ambição civilizatória expressa por Veedee mantém sua atualidade. Ambição que várias vezes na história implica um duplo investimento: sobre os corpos e sobre as cidades simultaneamente. No caso do Veedee, esse investimento espera agilizar o trabalho do organismo humano e promover a limpeza das cidades; a aceleração do movimento

* Este artigo é, com algumas modificações, uma versão resumida do IV capítulo de nosso doutorado, *La recherche de la beauté, une contribution à l’histoire des pratiques et des représentations de l’embellissement féminin au Brésil, 1900/1980*. Paris, Universidade de Paris VII, 1994, pp. 168-88.

** Departamento de História da PUC-SP.

orgânico e dos fluxos urbanos; o máximo aproveitamento tanto das energias de cada corpo quanto daquelas de cada indivíduo no trabalho. Ele evidencia o medo do desperdício, tão conhecido dos médicos e higienistas de um passado recente. Ele revela o receio da perda de riquezas, presente com insistência nos discursos dos empresários de ontem e de hoje.

Para começarmos a compreender esse investimento exemplarmente ilustrado por Veedee, em que as ambições científicas se misturam aos interesses políticos, é preciso voltar à época em que ele se tornou objeto da publicidade. Veedee propõe desobstruir o organismo das “inutilidades” justamente quando a obsessão de transformar todo e qualquer fluxo em energia produtiva justifica o amplo investimento de médicos e engenheiros na organização do cotidiano das cidades. A medicina, em particular, considera que, graças aos novos remédios dirigidos à digestão e à voga dos esportes, o organismo humano deve trabalhar mais rápido, assimilando com eficácia os alimentos para transformá-los com perfeição em energia. As metáforas utilizadas na publicidade do Veedee, assim como naquelas dos inúmeros fortificantes e depurativos da época, são a expressão desta obsessão: limpar, desobstruir, drenar, diluir, ajudar o organismo em seu trabalho cotidiano, livrando-o das impurezas, desembaraçando-o do que se acumula e do que não tem utilidade. Como se o trabalho “natural” do organismo não fosse mais suficiente. As águas medicinais, os banhos de mar, as estâncias de água do início do século incentivadas pelo turismo emergente, os regimes e purgações recomendados por médicos e farmacêuticos, são algumas das manifestações de uma mesma ambição que se renovará no decorrer dos anos: livrar o organismo dos acúmulos inúteis que fermentam e estragam. Ambição que se expressa de modo exemplar com a promoção da intervenção médica no modo de vida familiar e urbano. Na verdade, numa era de modernização das grandes cidades brasileiras, médicos e engenheiros justificam o devassamento das intimidades familiares e físicas a partir da higiene e da saúde. Como se “o fantasma puritano da limpeza encontrasse enfim um pretexto científico”.¹

Um organismo totalmente defendido dos miasmas, protegido dos contágios e distanciado das misturas, ganha, sem dúvida, em limpeza tanto quanto em fragilidade. Mas o fato da higiene ser perigosa parecia (e ainda hoje parece) uma conversa insana. E o que ocorre nas primeiras décadas desse século é, ao contrário, a renovação da ambição higiênica, com a aplicação dos princípios das leis da termodinâmica estabelecidas pelo físico francês Sadi Carnot, em 1824.² A partir delas concebe-se o corpo

1 Serres, Michel. *La distribution. Hermes IV*. Paris, Minuit, 1977, p. 179.

2 Relação estabelecida por Carnot entre calor e trabalho a partir do estudo das máquinas térmicas. Gille, B. et alii. *La recherche en histoire des sciences*. Paris, Seuil, 1983 (col. Points), pp. 234-9.

humano como uma “máquina energética”. Não mais o modelo mecanicista cuja principal metáfora é o relógio, mas o modelo da energia, ilustrado pelo exemplo da máquina a vapor. Desde então, o alimento se torna semelhante a um elemento combustível, que será queimado pelo organismo resultando em energia necessária à vida. Assim, torna-se essencial aumentar a quantidade de oxigênio em contato com os pulmões, fazer do homem um atleta, assimilá-lo à uma usina moderna.³ O oxigênio se torna um “capital” precioso à saúde do organismo, pois ele facilita a combustão e conseqüentemente a força física. A respiração muda de sentido. Não apenas refrigeração do calor vital, mas contribuinte energético fundamental.

Tal ambição regeneradora tende igualmente a submeter as cidades a uma cruzada contra os entulhos, os cantos e becos “perdidos”, “ociosos”, em que toda “sujeira” pode ser facilmente acumulada, esquecida, não “reciclada”. Sua arquitetura é convidada a ser desembaraçada das tímidas janelas de outrora, dos imóveis baixos e das casas que se tornam acanhadas perante o dinamismo expresso pelos novos prédios, lojas e avenidas em construção. Seus antigos monumentos tendem a ser julgados segundo os critérios de utilidade e de lucro, e, por conseguinte, alguns deles serão confundidos com os entulhos. Nas fábricas o aumento do rendimento é paralelo ao aumento da dimensão dos espaços, ao gigantismo das máquinas. Dentro das casas, com a luz elétrica, os espaços sombrios, “não trabalhados”, indicam uma displicência em relação à organização doméstica, agora tornada intolerável. Espaços ociosos, “vazios de sentido”, carentes de luz.

Mas o temor não ocorre apenas em relação aos odores fétidos, à visão do lixo, ao contato com a sujeira. Além desse temor, o imaginário da termodinâmica revela o medo da perda de trabalho: corpos e espaços desperdiçados são, doravante, aqueles que não contribuem cotidianamente para a produção de um *superávit* de energia. A água, por exemplo, não serve apenas para limpar as ruas, mas também para ajudar no desenvolvimento industrial e na prosperidade das cidades. Desperdício de água representa, assim, perda de trabalho e de investimento financeiro. Exemplares a este respeito são os canais de drenagem da cidade de Santos, promovidos pelo urbanismo sanitarista de Saturnino de Brito. Canais que não deixam ociosos nem mesmo a visão da paisagem,

3 Inúmeras pesquisas, nos campos filosófico, histórico e antropológico, associam o modo de conceber o corpo humano com a construção de um saber técnico e científico. Ver, por exemplo, Parlebas, Pierre. “La dissipation sportive”. *Culture Technique*, nº 13. Paris, Centre de Recherche sur la Culture Technique, 1985; Vigarello, Georges. *Le corps redressé*. Paris, Jean Pierre Delarge/Universitaires, 1978.

que, desde então, se quer mais arejada, cuja beleza está estreitamente associada ao trabalho de regeneração dos espaços e do ar.⁴

Paralelamente, são valorizadas as campanhas contra os ambientes fechados, em que o ar não circula, contra os indivíduos pálidos e avessos aos exercícios respiratórios, dentro dos quais os fluidos não são devidamente aproveitados. As máquinas e os corpos desta era não são mais como os moinhos e as alavancas à espera de um sopro divino. A força não lhes é dada. Tem que ser produzida. Por conseguinte, a educação física começa a receber uma atenção especial. Ao contrário dos espartilhos e coletes que moldam o corpo do exterior, sem exigir dele nenhuma força, com os esportes e a ginástica o corpo é chamado a se fortalecer sozinho, utilizando para tanto suas próprias capacidades. A voga do *sportman*⁵ não revela apenas um novo gosto pelo espetáculo do corpo em movimento. Ela atesta uma nova autonomia a ele concedida e sugere uma responsabilidade pessoal, desde então inexpurgável ao ser humano: aquela de criar um corpo novo, “uma nova raça”. A revista *Epoca Sportiva* não deixará de sublinhar a diferença entre as épocas: “o sport não é apenas uma tentativa no Brazil, pois ele elabora um novo ser humano e não mais ‘a raça enfizada dos pygmeus’, que se amollentava na inércia”.⁶ Raça musculosa. Tal como nos Estados Unidos, uma “pastoral do suor” começa a se desenvolver nas academias de halterofilismo e na ginástica das escolas. E tal como nos Estados Unidos, nessa voga brasileira pelo corpo esportivo, o músculo também se quer amigo da ordem.⁷

A ação de desobstrução orgânica é paralela e complementar àquela das vias públicas, dos espaços domésticos, dos locais de trabalho. Era preciso “desobstruir o pulmão dos catarras”, o estômago dos “azedumes”, o intestino “dos gazes fétidos”, os poros “das sujeiras e sebos”, tal como era necessário desobstruir as ruas das imundícies e águas estagnadas, os cortiços dos vícios e doenças, o ar dos miasmas e micróbios. Ao mesmo tempo, era preciso acelerar as funções produtivas dos corpos tanto quanto dos fluidos que entram e saem das cidades. No caso do organismo humano, busca-se majorar sua capacidade de assimilar os alimentos, para aumentar o volume das “car-

4 Andrade, Carlos R. M. de. “O plano de Saturnino de Brito para Santos e a construção da cidade moderna no Brasil”. *Espaços & Debates*. São Paulo, Revista de Estudos Regionais e Urbanos, 1991, pp. 55-63.

5 Ver, por exemplo, Rio, João do. *A profissão de Jacques Pedreira*. Rio de Janeiro/Paris, H. Garnier, 1911; reed. São Paulo, Scipione, 1992, p. 108.

6 *Epoca Sportiva*, nº 1, ano I. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1919, p. 1.

7 A esse respeito, ver Courtine, Jean-Jacques. “Os stakhanovistas do narcisismo”. In: Sant’Anna, Denise B. de. *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

nes”, a consistência dos músculos, a tonicidade da pele. No caso das cidades, almeja-se transformar a água, o gás e o ar em mercadorias, em meios de subsistência e de atendimento às necessidades de conforto emergentes. O corpo e a cidade transformam-se em verdadeiras usinas que domesticam os fluidos, canalizando-os, filtrando-os, acelerando as funções produtivas. Diferentemente dos moinhos e alavancas, o que se exige agora não é somente o transporte da água, do vento, dos objetos e seres. O que se almeja é *transformá-los*, alterando a quantidade de calor neles produzido, modificando seus estados. Carnot se generaliza. A obsessão higiênica e produtivista atinge o social visível, corpos e espaços, e o invisível, ar e costumes.

Ao lado da obsessão de higienizar, que desde o século passado até a 2ª Guerra Mundial se alia intimamente aos princípios da termodinâmica, afirma-se aquela de fortalecer, acelerar as funções, majorar a vigor. No primeiro caso, tem-se a venda do Veedee, das águas medicinais, dos depurativos e xaropes. No segundo caso é a vez dos fortificantes do cérebro, dos nervos, dos músculos, do famoso Biotônico Fontoura. De todo modo, um corpo limpo, purificado, trabalhado e produtivo encarna o ideal da vida moderna criando para tanto o seu contraponto, aliás exemplarmente ilustrado por Monteiro Lobato na figura do Jeca Tatu. Jamais o organismo havia sido convocado a trabalhar tão rápido, a digerir tão eficazmente os alimentos, a aproveitar com tanta ganância todos os fluidos, a se transformar com tanta rapidez. Jamais os moradores dos grandes centros urbanos foram impelidos a se locomoverem com tanta agilidade, aprimorando seu sistema de reflexos, o cálculo de suas despesas e de seus ganhos. Jamais aqueles que não acompanharam esta obsessão foram tão lentos, tão “jecas”, tão responsáveis por seu fracasso, tão confundidos com o que obstrui e trava. O processo de modernização não cessa de afirmar e de atualizar as separações entre produtivos e improdutivos, sadios e doentes, limpos e sujos, aprofundando os níveis de sensibilidade, tornando menos toleráveis odores, gestos e paisagens outrora bem-aceitos. Mas esta triagem não poderia ser reforçada sem exigir do indivíduo que se pretende moderno uma vigilância maior sobre si mesmo, levando-o, conseqüentemente, à descoberta de novos pontos cegos sobre sua saúde. Ela não poderia ser atualizada sem colocar o indivíduo e as cidades em face de perigos até então inexistentes: o desconforto perante o anonimato, o receio do contato com o trânsito que se quer acelerado, tanto dos objetos quanto dos indivíduos. Já se sabia desde o início: o triunfo prometido pelo “moderno” é sempre fugidio, constantemente deslocado num fundo infinito. Ele não cessa de criar novas zonas de incerteza e de risco.

Ao mesmo tempo, é importante sublinhar que o Veedee se insere no conjunto de estratégias destinadas à distinção social das elites. Já nas vésperas da Proclamação da República, bom gosto, urbanismo e juventude são valores que servem como insígnias

de afirmação social aos jovens republicanos em relação aos senhores monarquistas: “o império morria a olhos vistos sob as barbas branquíssimas – branquíssimas e jamais maculadas por tintura ou pomada – de Pedro II, com as quais contrastava então o preto ou o castanho das barbas de jovens líderes republicanos”.⁸ A Proclamação da República nasce, portanto, sob “o signo do combate à velhice”. Desde então, a riqueza é ostentada não somente pela quantidade de cavalos que um patriarca possui, mas sobretudo pela forma como ele se veste, pela qualidade de suas roupas e pelo refinamento de suas maneiras. Mais uma vez a revista *Fon-Fon*, numa publicidade para o Veedee, ilustra esta transformação afirmando que

não é mais necessário ter “sangue azul” para seguir no caminho da riqueza e da sabedoria; antes de tudo, se existe realmente um talismã que nos conduz ao poder, à popularidade e à distinção na vida social de hoje, ele está na força de atração ou na simpatia que inspira a beleza.⁹

O prestígio social não parece resultar somente de uma herança de nomes: ele deve doravante ser construído cuidadosamente, dia após dia, o que implica um esforço pessoal maior, uma confiança no indivíduo e não mais, primordialmente, seus familiares. Daí a proliferação dos manuais de civilidade, dos conselhos de beleza nas revistas femininas, das cartas de leitoras preocupadas com os segredos de elegância. Como se descobrissemos que fosse possível se fazer agradável e belo, inteligente e *chic*, com as próprias mãos. A beleza e a aparência jovem deixam de ser um dom concedido pelas mãos divinas e em breve elas não serão mais privilégios exclusivos das artistas e de uma minoria de mulheres quase míticas. Tornam-se uma conquista pessoal, *um direito* a todos que podem comprar seus “segredos”, que obtêm um tempo para se dedicar ao aprendizado de seus truques.

Segundo uma tal perspectiva, inúmeros utensílios de higiene, diversas engenhocas para a saúde, vão manifestar a corrida rumo à construção de uma aparência individual e urbana que promete o sucesso rápido: remédios e objetos técnicos com intuídos terapêuticos prolongam e reforçam o prestígio e o poder das elites das grandes cidades brasileiras, tal como o ronco dos automóveis e a paisagem formada pelas chaminés das indústrias que atestam o vigor de uma cidade que não pode parar. Nos dois casos, o triunfo da técnica alimenta o sonho de rentabilidade máxima da vida cotidiana. Entretanto, tal sonho, guarnecido pelas figuras da termodinâmica, é, tal como havia sido aquele do imaginário mecanicista, algo que não cessa de escapar ao controle, de criar

8 Freyre, Gilberto. *Ordem e progresso*. 3ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, t. 1, 1974, p. CXXXII.

9 “O valor da beleza em todas as idades”. *Fon-Fon*, nº 43, 1 de fevereiro de 1908.

preocupações e cuidados novos. O investimento no saneamento urbano é correlato à ampliação da desconfiança de que todos os espaços são, na verdade, virtuais focos de contágio; o incentivo em torno da educação física não ocorre sem aumentar a responsabilidade de cada indivíduo sobre seu corpo; a valorização de um corpo e de uma cidade “trabalhados” é paralela à suspeita de que todo desperdício pode representar perdas políticas e um fracasso econômico intolerável.

É preciso considerar também que o Veedee expressa um novo ritmo de vida, mesmo se do ponto de vista técnico ele não tenha representado nenhum progresso. Ritmo que proclama o novo, mesmo que este não seja original, que sacraliza os meios de proteger a saúde, mesmo que isto implique um reforço dos laços de dependência com o ascético. Nesse sentido, ele é um aparelho análogo às avenidas, jardins, imóveis de mais de três andares construídos, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro durante o governo de Pereira Passos.¹⁰ Passos está entre aqueles que ambicionaram a construção de uma cidade nova, ponto de partida para a produção de um Brasil novo, concebido à imagem de Paris e Londres, livre da memória colonial tratada então como mácula e vergonha: o passado, não sendo mais do que entulho no canteiro de obras. Entulho no qual se misturam a madeira das casas coloniais, os negros libertos, os rostos tatuados das prostitutas, as vacas dos vendedores ambulantes, os cães vagabundos e tantos outros que Pereira Passos não cessava de proibir, por decreto, a livre circulação na cidade. Entulho feito de risos e de histórias de vida, de suores e de perfumes, desde então considerados “exotismos” excessivos, promiscuidade e atraso. Na verdade, assim entulhados, nada mais se distingue entre eles, pouca coisa importa.

O pior é que esta cena se repete. Parece que aquilo que se convencionou chamar de modernidade no Brasil traz necessariamente em seu bojo um golpe de morte sobre os enraizamentos culturais e arquitetônicos. É quando os países desenvolvidos, sobretudo os da Europa, aparecem como um exemplo de civilidade. Pois eles colocam o passado nos museus e em alguns casos os museus invadem as ruas e se generalizam, para o regalo das almas submetidas ao entulho ou para o desprezo dos que sabem produzi-lo em profusão. Ora, o que se passa neste exato momento? Uma vergonha. Nós e nosso “modo selvagem” de lidar com o passado, eles e seus encantadores museus.

Mas e se descobríssemos que entre as duas formas de tratar o passado, a nossa e a deles, a diferença não é de grau de civilidade ou de selvageria e que, em ambos os casos, o passado corre o risco de estar igualmente condenado à morte? E se perce-

10 Del Brenna, Giovanna Rosso (org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão*, II. Rio de Janeiro, Solar Grandjean de Montigny, PUC-RJ, 1985.

bêsemos que os museus não são necessariamente uma garantia de vida aos objetos neles expostos? Como encontrar a alma dos antigos instrumentos construídos por nossos antepassados? Talvez fosse necessário, sobretudo, desenvolver uma cultura técnica¹¹ para que, ao buscar os traços daqueles instrumentos do passado, pudéssemos ouvir os sonhos e os limites que eles concretizaram, perceber suas funções e os lugares que eles ocuparam. Assim, ao invés de colocá-los apenas no lugar do mérito e para não confundí-los com o entulho, eles seriam colocados num lugar que lhes permitisse exprimir o mundo. E perante o qual nós pudéssemos medir os sonhos e os receios que se concretizam nas máquinas do cotidiano de nossos dias.

11 A este respeito a obra de Simondon, Gilbert é rica em exemplos, em particular, *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris, Aubier, 1989.